



Maria Gabriela Llansol

LISBOALEIPZIG

O encontro inesperado do diverso

O ensaio de música

xilogravuras de
Ilda David'

ASSÍRIO & ALVIM



_____ ao lado da minha mesa de trabalho está a mesa onde Bach poderia ensinar crianças, se existissem crianças. A meio das duas, eu traçaria a separação invisível de um eixo, que ele gostaria de as ver ultrapassar; mas quando entraram ___ autênticas máquinas duras _____ tudo na sala se imobilizou e retomou, de súbito, o seu sopro próprio.

Introduziram no ambiente uma corrente gelada de agressividade, e de poder minúsculo abominável.

A mesa de trabalho da escrita, a mesa de trabalho da música, deram uma volta de desespero sobre si mesmas, enrodilhando-se. O que não deve, de modo algum, acontecer porque o único corpo da língua, que contém o fio da música, só pode ser bebido por quem intui a distinção.

Por isso, ciclicamente, temos saudades de uma verdadeira criança. E ter filhos não é o mesmo. (15 de Janeiro de 1983 — Herbais)

Quando Bach me repete o sonho que teve, antes de casar com a sua primeira mulher, procuro não me justificar por não ser mãe. Escondera-me dentro da gruta, com o início da minha música (insiste sempre que a música não está dentro do corpo, mas nas suas extremidades — dedos, garganta, tornozelos).

Havia um areal defronte, onde mulheres-mães gritavam, recusando-se a entrar numa caravela porque alguém as obrigara a partir deixando os filhos sepultados em terra. «Argolas, e ferros, de

maridos e de filhos», pensei. Seres de hesitação que nunca mediram a medida que tinham em si.

Uma criança sem rosto escapuliu-se, e entrou na gruta. Enrodilhei-a nas minhas saias, desejando apaixonar-me pela força intensa que eu queria que tivesse. Envolvei-a na audácia que nos espera. Cobri a cabeça, e pu-la ao seio, pois o borbotar da palavra principiava a ser maior do que o do leite.

De resto, de onde me vinha o leite, se a criança não era meu filho? Com os meus dedos nascentes de músico, ainda inábeis, compus-lhe a face que lhe faltava.

Futuros olhos de Aossê, futuro ouvido de Hölderlin, futura voz de Anna, futuro porte de pobre.

«Tenho um grande medo de ser a sua mãe», disse a mim própria. Senti-me invadida por grande ansiedade porque quem amamenta não imagina a quimera que traz ao seio. (28 de Junho de 1984 — Herbais)

Infausta abriu a porta, e disse-lhes:

— Bach morreu, mas deixou um único filho — o silêncio. — Parecia falar em sentido figurado, apanhando os últimos objectos que pensava entregar a Aossê e aos meandros da sua especulação.

Perguntou-lhes se sempre iam partir, se a forma de caravela correspondia à realidade — se havia. (15 de Abril de 1983 — Herbais)

Infausta, antes de me conhecer, conhecia-me:

«doce é a navegação do mês de Junho, com a sua equipagem de figuras e de frutos.»

Via-se sempre mais mar, e mais terra, sem nenhum conflito entre eles; escrever e compor música tornaram-se uma segunda natureza _____ escrever está no centro do corpo _____, e as paixões secundárias serenavam.

«Teu rosto torna-se mais velho com o voltar da página, e eu pergunto-te todos os dias aonde irás, pois sempre te vi a querer mudar de sentido e de lugar, na tua aparente imobilidade.»

Lembrava-me de muitos factos e, no momento de escrever, esquecia-os ou, então, a minha escrita não vinha da memória.

«Tua vida é adequada ao sentido que lhe queres dar; não consegues sair do estado de leitura constante, flutuante e sobrevivente».

Ler alto está relacionado com a acústica — ensinou-me Bach —, há ondas e vibrações na sua formação que nunca aparecem escritas. Mas eu não quero uma leitura que seja um recitativo. (3 de Junho de 1978 — Jodoigne)

«Uma parte da minha vida ajustou-se ao pátio».

Quando escrevo esta frase, eu estou a ver o pátio, mas quem não lê, não sabe de quem é a vida que se ajustou ao espaço do pátio. Poderia ser de Infausta, de Hadewijch, de Ana de Peñalosa, e podia também ser minha.

Muitos dos que me lêem têm dificuldade em ajustar-se ao pacto de leitura que os meus textos supõem: o de saberem quem está enunciando. E sabê-lo, sem sombra de dúvida.

Os meus textos supõem um pacto de desconforto _____ são tal qual, se eu quiser que existam _____;

a palavra «inconforto» é, todavia, capciosa, indica incómodo e coração ansioso, à espera de um amigo sereno. Devo reconhecer que o meu texto, ao deixar inseguro o sujeito que enuncia, se dirige, de facto, ao ansiar do coração, e o coloca na sombra da dúvida. E, se o coração persiste em ler, é porque há nele um fulgor estético que ilumina o próximo passo, e o faz apoiar no detalhe justo e irrecusável. (10 de Agosto de 1993 — Colares)

Uma parte da minha vida ajustou-se ao pátio e à casa de Jo-doigne; é recta; decorre com equidade; outra, faz-me sair de mim, quase todos os dias; gostaria de partir para longe, e rapidamente, mas não desejaria ser confrontada a uma paisagem sem necessidade, nem razão. Desequilibram-se as partes.

Neste momento, por exemplo, já deixei para trás a paisagem de Müntzer e de Ibn'Arabî; e começo a desejar o encontro com outro mestre, que abandonarei amanhã. Mas, nestes dias de fins de Setembro, o que procuro realmente é saber qual a medida exacta de um dia passado inteiramente. Não quero, contudo, que essa procura se transforme em interrogação, mas seja apenas a forma de um inconforto, como uma pontada nos rins, ou um indício de estranheza.

É nesse sentido que digo que aqui a vida é recta, e decorre com equidade. Há aqui uma ferida entreaberta. Por vezes, vejo-a sobre a mesa, outras vezes, parece uma nódoa no chão, outras vezes, não está lá — mas está —, escondida, no armário da roupa, como

acontece às vidas que não têm voz no exterior, produzindo, contudo, dentro, o efeito de um clarear sem fim.

A minha vida é como essa luz que deixa passar claridade para o outro aposento. Por isso, é conforme a este dia, ao outro, ao dia seguinte, e produz semelhança, sem o ónus da monotonia. Tenho a sensação de deixar espalhados pela casa, e pelos móveis, pedaços simples de textos livres que, de antemão, nunca serão um livro.

Encontrei este escrito ontem, depois de ter lavado a loiça: _____ abriu-se uma chaga no pé de Eleanora; uma ferida de amor que ela lê como sinal de que está pronta para se levantar, pousar o bordado com o desenho do falcão, e partir. «O pano que bordo, diz-me ela, é a parte mais leve dessa ave. Distingo nitidamente vários pontos da realidade. Descubro, ao abrir a porta da despensa, que a arte de fazer-me mulher é deixar crescer, na minha sombra, o meu outro igual de poder. Luís M. diz-me no amor: “dá-me a tua vontade, que eu te darei a força”. Olho-me ao espelho, e se o seu reflexo me mandasse reiniciar o bordado _____».

«Sabes quem é o falcão?», interrompo-a. Não me ouve, e responde-me que deve esperar o amor, que são diferentes os ritmos do sono e mutáveis os rostos do amor.

Uma ansiedade tranquila toma-nos de cima, e alguém nos vem chamar: «São horas de jantar». Eleanora ri. «São horas de jantar, ou de partir para quem amo?».

Eleanora, _____ o que pensas, já o deixei de pensar. Não te deixes iludir porque pequenas palavras podem ter a sombra de grandes. Provavelmente, o movimento dessa força, que julgas imensa, é ainda quase inexistente.

Não posso, Anna. Há uma voz, no exterior, que se cruzou com a minha, _____ a minha pobre voz sem lugar, e ainda tem força para _____ «onde estás, meu amor», perguntei, mas a minha

intenção firme, e silenciosa, era deixar de pronunciar, definitivamente, qualquer destas palavras porque são um véu transparente que asfixia o meu discernimento, mas não posso, Anna.

Peguei-lhe na mão, para que voltasse ao bordado. Voltariam a chamar-nos para jantar.

Pensa só, Eleanora, a que dá origem o que se desvanece. Se te desvaneces no teu próprio corpo, quem poderá ouvir a voz do amor, na sua próxima vinda? O amor desfaz e não deve. Faz subir ao céu e dilui.

«Mas como viver sem ele?», ainda me pergunta.

«Mas como viver com ele, se ninguém subsiste ao seu encontro?», lhe pergunto _____

Abandono o texto sobre a cama.

Vou descer para preparar o jantar para o Augusto. Em cada degrau da escada hei-de desfazer-me destas imagens, pensando com firmeza que escrever é levar a leitura pelo seu caminho, de modo que quem lê sobreviva ao seu encontro. Se eu só fosse o corpo que lê _____ esta ideia deixa-me profundamente triste. Gostaria de ensinar Eleanora. (25 de Setembro de 1978 — Jodoigne)

Eleanora escreve:

_____ quando viu a caravela chegar com a sua quilha de falcão absorvendo Herbais, Úrsula defendeu-se:

«na combustão da decisão tomada, parto como quebrando um ramo: de muito me lembro, de um quase nada farei o umbral da nova porta». (15 de Junho de 1984 — Herbais)